



# Ciências Humanas: Características Práticas, Teóricas e Subjetivas

**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos**  
**Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos**  
**(Organizadores)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



# Ciências Humanas: Características Práticas, Teóricas e Subjetivas

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos  
(Organizadores)

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	Ciências humanas [recurso eletrônico] : características práticas, teóricas e subjetivas / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências humanas: características práticas, teóricas e subjetivas; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-884-7 DOI 10.22533/at.ed.847192312  1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. II. Thamires Nayara Sousa de. III. Série. CDD 301
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Ciências Humanas: características práticas, teóricas e subjetivas – Vol. I, coletânea de vinte e oito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Humanidades.

As colaborações aqui congregadas abordam contribuições que dialogam com a vasta área das Humanidades. Assim, sendo, optamos por promover um recorte primeiro a partir de dois grandes eixos: o primeiro é a educação, o segundo é o exercício das práticas religiosas e sua interação sagrado e profano.

Realizada essa observação, propomos aos leitores um exercício de diálogo com os capítulos que compõem a presente obra. Temos, inicialmente, a abordagem sobre a educação na realidade mexicana. De imediato, e sequenciado, a legislação pátria para o tema da educação é recordada, bem como as políticas públicas oportunas. Em movimento sequenciado, há textos que versam sobre administração escolar, metodologias da aprendizagem, processo educativo, aprendizagem por meio de jogos didáticos, práxis docente, desenvolvimento infantil, educação ambiental, educação infantil, a inclusão de crianças indígenas em ambiente escolar não indígena, livro didático, sequência didática, formação humana, saúde e formação acadêmica, formação docente na realidade de sujeitos surdos, estágio supervisionado e o papel da monitoria.

Alcançando o segundo momento, temos a busca pelo diálogo inter-religioso, a devoção e a realidade vivenciada em São Gonçalo do Amarante, além da festa e religiosidade em Maringá.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
LA OTRA EDUCACIÓN: EDUCAÇÃO E AUTONOMIA NO TERRITÓRIO ZAPATISTA EM CHIAPAS, MÉXICO	
Aiano Bemfica Mineiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8471923121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
REFRAÇÃO POLÍTICA, POLÍTICAS PÚBLICAS E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL: O INÍCIO DE UMA LONGA DISCUSSÃO	
Pablo Silva Machado Bispo dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8471923122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
CONTRA-REFORMA NO ESTADO: OS DESAFIOS NA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR	
Ana Paula Oliveira Silva de Fernández	
Ana Paula Nunes	
Daniela Elis Dondossola	
Pedro Henrique Giroto Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8471923123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
METODOLOGIAS ATIVAS X METODOLOGIAS TRADICIONAIS: IMPORTÂNCIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	
Samuel Alves da Silva	
Beatriz Paiva Rocha	
Claísa Andréa Freitas Rabelo	
Ashley Brito Valentim	
Chrisley de Lima Rocha	
Mateus Barbosa Tavares	
Renata Carmo de Assis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8471923124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>36</b>
MAPEANDO OS FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: CINCO CATEGORIAS PARA REFLETIR SOBRE O PROCESSO EDUCATIVO	
Ivana Caldeira Siqueira	
Rafael Montoito Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8471923125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
AVALIAÇÃO DA MOTIVAÇÃO PARA APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS NO SMARTPHONE PARA O ENSINO DE QUÍMICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Janine Heckler da Cunha	
Fernando Junges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8471923126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>64</b>
ALIENAÇÃO E A PRÁXIS DOCENTE: ANÁLISES A PARTIR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	
Thayná Costa Marques	

DOI 10.22533/at.ed.8471923127

**CAPÍTULO 8 ..... 69**

DESENVOLVIMENTO INFANTIL, PSICOMOTRICIDADE E ASPECTOS PSICOSSOCIAIS NA ESCOLA:  
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Silvia Helena de Amorim Martins  
Ana Luísa Leite Lima  
Francisca Bertilia Chaves Costa  
Sabrina Serra Matos  
Luiza Valeska de Mesquita Martins  
Ana Maria Fontenelle Catrib

DOI 10.22533/at.ed.8471923128

**CAPÍTULO 9 ..... 77**

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: OFICINA DE REGADORES RECICLÁVEIS COM ALUNOS DA EDUCAÇÃO  
INFANTIL

Karine Kévine da Rocha Sousa  
Cláudia Jane Pinto Gomes  
Robson Rabelo Rangel  
Karyna Régia Teles Alves

DOI 10.22533/at.ed.8471923129

**CAPÍTULO 10 ..... 82**

EXPERIÊNCIA COM ARTE: APRENDIZAGEM DIALÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andréia Oliveira Ferreira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.84719231210

**CAPÍTULO 11 ..... 96**

A INSERÇÃO DE CRIANÇAS INDÍGENAS EM UM CONTEXTO ESCOLAR NÃO INDÍGENA

Clotildes Martins Morais  
Antonio Dari Ramos  
Maristela Aquino Insfram  
Cajetano Vera  
Obonyo Meireles Guerra

DOI 10.22533/at.ed.84719231211

**CAPÍTULO 12 ..... 107**

UM RETRATO DO INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA NOÇÃO DE  
'ESTRUTURA DE SENTIMENTO' DE RAYMOND WILLIAMS

Nádia Narcisa de Brito Santos  
Isaíde Bandeira da Silva  
José Petrucio de Farias Júnior

DOI 10.22533/at.ed.84719231212

**CAPÍTULO 13 ..... 120**

SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PARA AS SÉRIES FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL

Simone Vilhalva Dering  
Maikel da Silva Ferreira Luiz  
Antonio Sales

DOI 10.22533/at.ed.84719231213

**CAPÍTULO 14 ..... 137**

A FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL: UM OLHAR A PARTIR DE FOUCAULT SOBRE AS UNIVERSIDADES CORPORATIVAS DO SÉCULO XXI

Luiz Alberto Borcsik  
Carlos Roberto da Silveira

**DOI 10.22533/at.ed.84719231214**

**CAPÍTULO 15 ..... 150**

BASES FILOSÓFICAS DAS PSICOLOGIAS HUMANISTAS, FENOMENOLÓGICAS E EXISTENCIALISTAS: A IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DE PSICOTERAPEUTAS INICIANTES

Milena Pinheiro Duarte  
Mayara Rocha Coelho  
Layza Castelo Branco Mendes

**DOI 10.22533/at.ed.84719231215**

**CAPÍTULO 16 ..... 161**

FORMAÇÃO ACADÊMICA E SAÚDE MENTAL: PANORAMA DOS DISCENTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Milena Pinheiro Duarte  
Layza Castelo Branco Mendes

**DOI 10.22533/at.ed.84719231216**

**CAPÍTULO 17 ..... 171**

O SENTIDO DE VIDA E A EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE DE PACIENTES ONCOLÓGICOS

Noely Cibeli dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.84719231217**

**CAPÍTULO 18 ..... 179**

FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: REFLEXÕES INICIAIS

Claudeth da Silva Lemos  
Daniele Cariolano da Silva  
Francisco Tiago Ribeiro Silva  
Maria Wesla Nogueira da Silva  
Suziane Cristina da Silva Ferreira  
Venícius de Sousa Lima

**DOI 10.22533/at.ed.84719231218**

**CAPÍTULO 19 ..... 185**

EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: PERCEPÇÕES E REFLEXÕES DISCENTES

Claudeth da Silva Lemos  
Daniele Cariolano da Silva  
Francisco Tiago Ribeiro Silva  
Maria Wesla Nogueira da Silva  
Suziane Cristina da Silva Ferreira  
Venícius de Sousa Lima

**DOI 10.22533/at.ed.84719231219**

**CAPÍTULO 20 ..... 190**

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

André Leandro dos Santos Pereira  
Michelline da Silva Nogueira  
Maria socorro Lucena Lima

**DOI 10.22533/at.ed.84719231220**



<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>199</b>
MONITORIA EM DIDÁTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE	
Eliane Rodrigues Martins	
Maria Evilene da Silva	
Geandra Claudia Silva Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84719231221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>207</b>
A EXPERIÊNCIA DA MONITORIA COMO ESPAÇO FORMATIVO	
Laíssa Mulato Moreira Lima	
Tânia Maria de Sousa França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84719231222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>213</b>
OS MISSIONEIROS: ARTE, PATRIMÔNIO E (RE)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE REGIONAL	
Rodrigo Miguel de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84719231223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>226</b>
O RITO <i>REAHU</i> (FESTA) DO POVO CUJO TERRA NÃO RECEBE SEUS MORTOS; RECINTO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	
Mary Agnes Njeri Mwangi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84719231224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>234</b>
O SAGRADO E O PROFANO NA DEVOÇÃO E DANÇA A SÃO GONÇALO DE AMARANTE	
Joana Paula Silva Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84719231225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>247</b>
FESTA E RELIGIOSIDADE: REFLEXÕES ACERCA DO HALLEL (MARINGÁ-PR, 1995-2018)	
Mariane Rosa Emerenciano da Silva	
Vanda Fortuna Serafim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84719231226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>260</b>
A GESTÃO DA UNIDADE DE INFORMAÇÃO PROCESSOS DE OBRA PARTICULARES NOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO ALENTEJO	
Paulo Batista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.84719231227</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>271</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>272</b>

## LA OTRA EDUCACIÓN: EDUCAÇÃO E AUTONOMIA NO TERRITÓRIO ZAPATISTA EM CHIAPAS, MÉXICO

**Aiano Bemfica Mineiro**

UFMG – Faculdade de Filosofia e Ciências  
Humanas – PPGCOM  
Belo Horizonte – Minas Gerais

### LA OTRA EDUCACIÓN: EDUCATION AND AUTONOMY IN THE ZAPATISTA TERRITORY IN CHIAPAS, MEXICO

**RESUMO:** Desde a Primeira Declaração da Selva Lacandona até o presente, foram construídos dentro do território zapatista mecanismos e estratégias sociais que buscam a autonomia e a autodeterminação dos diferentes povos que compõem a base social do EZLN, exemplo desse processo é a construção de um sistema próprio de educação. Centrado na análise das Declarações da Selva Lacandona e travando diálogos com teóricos ligados à corrente de Pensamento Decolonial, este artigo propõe estabelecer uma reflexão que articule a proposta de educação desenvolvida em Chiapas e a noção de autonomia. Afinal, um modelo próprio de educação assume fundamental importância e se apresenta como uma forma complexa de resistência social e cultural, uma vez que provoca rupturas e ressignificações no campo simbólico, problematizando a fundo a perspectiva colonial historicamente dominante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autonomia; Educação; EZLN; Decolonial.

**ABSTRACT:** Since the First Declaration of the Lacandona Jungle until nowadays, many social strategies and mechanisms have been constructed in order to seek autonomy and self determination to the different people who compound de social basis of the Zapatista Army of National Liberation (EZLN), an example of this process is the construction of an own education system. Centered in the analysis of the Declarations of the Lacandona Jungle, and promoting dialogues with theorists linked to the Decolonial thought, this article aims to stablish a reflection that articulates the education proposal developped in Chiapas and the notion of autonomy. After all, an independent system of education seems to be fundamentally important and presents itself as a complex form of social and cultural resistance, once that provokes disruptions and resignifications in the symbolic field, deeply problematizing the historically dominant colonial perspective.

**KEYWORDS:** Autonomy; Education, EZLN, Decolonial.

## APRESENTAÇÃO

Catherine Walsh, em seu artigo *Introducción. (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. Pensamiento crítico y matriz (de) colonial* (2005), sugere que “falar de decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade pensando não somente desde os seus paradigmas, mas também desde as pessoas e suas práticas sociais, epistêmicas e políticas” (WALSH, 2005, p.24). Muito movido por essa proposta, este trabalho parte da análise das Declarações da Selva Lacandona – documentos programáticos do Exército Zapatista de Libertação Nacional –, para pensar como a experiência de construção de uma educação autônoma em Chiapas, desenvolvida no bojo do complexo processo de Resistência zapatista, pode contribuir para uma reflexão mais ampla sobre nossa condição colonial. Colonialidade pela qual nosso próprio modelo de Estado-Nação moderno é, de modo amplo, ferramenta.

As Declarações da Selva Lacandona guardam dimensões muito ricas à medida que são testemunhos de um grupo que se apresentou ao mundo em 1994 com pretensões de depor um presidente e “libertar o México” através de uma guerra de colunas e, menos de cinco anos depois, estavam efetivamente estabelecidos em um território, tendo assumido a vanguarda do debate sobre a autodeterminação dos povos indígenas. Este trabalho pretende, sem qualquer intensão de substituir a informação etnográfica, fazer um primeiro acercamento da socio-cosmopolítica dos zapatistas de Chiapas a partir da forma como falam de si mesmos e de sua história.

Para tanto, propus uma divisão temática que segue a seguinte lógica: *O levante zapatista em Chiapas e a proposta decolonial: alguns pontos de partida teóricos*, onde farei uma breve contextualização do levante zapatista em Chiapas e introduzirei alguns dos pontos de partida teóricos para esse trabalho; *Autonomia e identidade: um território*, momento em que serão feitas algumas considerações sobre a relação entre autonomia e identidade; *La Otra Educación: a escola nesse contexto*, etapa onde a educação revelará maior importância; e, finalmente, *(in)Conclusões ou reflexões para possíveis caminhos*, onde pretendo compartilhar algumas reflexões suscitadas ao longo da pesquisa e apontar possíveis percursos futuros.

## O LEVANTE ZAPATISTA E A PROPOSTA DECOLONIAL: ALGUNS PONTOS DE PARTIDA TEÓRICOS

Uma fileira de indígenas. Sobre seus corpos, fardas militares. Seus rostos largos, cobertos por máscaras e bandanas. Nos ombros, as cores vermelha e preta. Mulheres, homens e jovens, todos com fuzil na mão, se movimentam em táticas de guerra: colunas, guarnições e bandeiras. Existe um extenso imaginário construído em torno do Exército Zapatista de Libertação Nacional, doravante EZLN, e sobre o levante que ficou conhecido

como *La larga noche de los 500 años*. Iniciado em primeiro de janeiro de 1994, mesma data em que entrou em vigência o tratado de livre comércio entre EUA e México, o levante feito pelos grupos indígenas *Tzeltal, Tojolobal, Tzotzil, Chol e Lacandones*, organizados junto ao EZLN, tomou com armas as cidades de *San Cristóbal de las Casas, Ocosingo, Las Margaritas e Altamirano*, passando a controlar parte significativa do estado de *Chiapas* e, posteriormente, marchando em fileiras rumo à capital federal. Fundado em 1983, mas atuando, até dito levante, na clandestinidade, foi através da I Declaração da Selva Lacandona (1994) que o EZLN se apresentou ao México e ao mundo:

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin importarles que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin inportales que no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos (I DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA, 1994).

Através desse documento, assinado pela *Comandancia General del EZLN*, a organização se reivindicou enquanto força beligerante legítima e expediu ordens táticas de guerra às colunas do exército. Além disso, apresentou suas demandas sociais fundamentais (trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz) e deixou clara a intenção de depor o presidente Carlos Salinas de Gortari (1988-1994). Para tanto, colocaram seus objetivos em relação direta ao Estado Nacional, ao evocar o trecho da Constituição Federal Mexicana que determinava que

la soberanía nacional reside esencial y originariamente en el pueblo. Todo el poder público dimana del pueblo y se instituye para beneficio de éste. El pueblo tiene, en todo tiempo, el inalienable derecho de alterar o modificar la forma de su gobierno (I DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA, 1994).

Os primeiros dias após o alçamento foram de intensos conflitos e desencadearam uma guerra de doze dias que promoveu mortes tanto nas fileiras do EZLN como nas forças nacionais e locais. Entretanto, após intensa mobilização da sociedade em todo o México, firmou-se um cessar fogo e o conflito beligerante aberto deu lugar a um outro tipo de disputa, também marcada pela violência, ao qual os zapatistas se referem como *Guerra Blanda*. Terminada a guerra, muitas das zonas tomadas pelo EZLN permaneceram sob seu controle, estabelecendo-se efetivamente um território zapatista em *Chiapas*. Mediante a frustração da expansão do controle militar e territorial e a decisão de cessar fogo, entra-se em um novo momento, onde o caráter insurgente da ação se converte em Resistência: “o fogo em palavra e os gritos em silêncio” (IV DECLARAÇÃO DA SELVA

LACANDONA, 1996). Talvez essa seja uma das viradas mais complexas desse processo, já que, à medida em que se estabelece uma prática de Resistência sobre um território extenso, constroem-se também novas práticas sociais e políticas, estabelecendo-se um tipo de organização social paralela dentro do próprio Estado. Essa mudança virá impactar diretamente o discurso presente nas Declarações seguintes, alterando o centro do debate das grandes pautas nacionais e introduzindo categorias como identidade, tradição e direitos indígenas.

Em seu artigo *Naturaleza del poscolonialismo: del eurocentrismo al globocentrismo* (2000), Fernando Coronil recupera um texto escrito pelo Subcomandante Marcos, no qual ele lê o atual estágio de globalização, avanço neoliberal e suas consequências como a configuração de uma IV Guerra Mundial – uma vez que, para Marcos, a III Guerra Mundial teria sido a chamada “Guerra Fria”, que marcou o sul global com políticas de intervenções externas, violentos conflitos armados e inúmeras mortes provocadas pelas disputas entre os eixos soviéticos e norte-americanos pelo poder global. Assim, relaciona a condição de miséria e morte nas chamadas periferias a uma série de fatores que se articulariam em um desenho global e transterritorial de exploração e marginalização (MARCOS, 1998; CORONIL, 2000). Ainda nessa mesma análise, a liderança chiapaneca aponta para o surgimento de “Focos de Resistência”: “em resposta aos focos de riqueza e poder político concentrados, estão surgindo focos crescentes de resistência cuja riqueza e força residem, em contraste, em sua diversidade e dispersão” (CORONIL, 2000, p.5).

Em movimento parecido, Arturo Escobar propõe que os movimentos sociais são agentes centrais para a superação das consequências segregadoras do desenvolvimento e aprofundamento do capitalismo (ESCOBAR, 2007). Gustavo Esteva, por sua vez, irá ponderar que as resistências seriam uma forma “reconstruir criativamente suas formas básicas de interação social, a fim de liberar-se das correntes econômicas” (ESTEVA, 1996, p. 69). É a partir das inquietações provocadas pelas reflexões desses autores e pelo interesse em pensar a partir dos e com os movimentos sociais e suas experiências, que esse trabalho se constrói.

## **AUTONOMIA E IDENTIDADE: UM TERRITÓRIO**

Na III Declaração da Selva Lacandona (1995), ainda que sobreviva uma menção à pátria e se mantenha um diálogo crítico com a noção de Estado, aparecem as primeiras reflexões mais detidas sobre *Chiapas*, a questão indígena e a demanda por autonomia. Isso fica claro na passagem em que afirmam que, ao ver que o governo e o projeto de nação mexicana voltavam a “cubrir con el olvido y el desinterés a los habitantes originales de estas tierras (...) se negaba a los pueblos indios el derecho a gobernar y gobernarse según su razón y voluntad” (III DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA, 1995), e culmina em um trecho um tanto mais propositivo, onde fica evidente a centralidade e o protagonismo



das comunidades indígenas e suas pautas:

La cuestión indígena no tendrá solución si no hay una transformación RADICAL del pacto nacional. La única forma de incorporar, con justicia y dignidad, a los indígenas a la Nación, es reconociendo las características propias en su organización social, cultural y política. Las autonomías no son separación, son integración de las minorías más humilladas y olvidadas en el México contemporáneo. Así lo ha entendido el EZLN desde su formación y así lo han mandado las bases indígenas que forman la dirección de nuestra organización (III DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA, 1995).

Assim, nesse novo momento político, o EZLN cobra notoriedade nacional, quando, entre 1995 e 1997, logram estabelecer uma iniciativa de diálogo bilateral com o governo nacional que culmina nos *Acuerdos de San Andrés*. Nesse documento, estão plasmadas uma série de diretrizes que reconhecem os povos originários como sujeitos e agentes capazes de participar e conduzir a construção de políticas e projetos a eles destinados (SANTOS, 2008). Entretanto, apesar dos avanços que se apontavam no horizonte, os diálogos são interrompidos e os acordos firmados terminam nunca sendo implementados pelo Governo. Com a ruptura das tentativas negociadas de solucionar as demandas, começa em *Chiapas*, então, uma etapa todavia mais complexa de construção e mudança, na qual o EZLN e os povoados em seu território decidem por cumprir de forma unilateral os *Acuerdos de San Andrés*, ou seja, criar as bases e mecanismos para construir, desde baixo e à esquerda, sua própria autonomia:

como zapatistas que somos, pensamos que no bastaba con dejar de dialogar con el gobierno, sino que era necesario seguir adelante en la lucha a pesar de esos parásitos haraganes de los políticos. El EZLN decidió entonces el cumplimiento, solo y por su lado (o sea que se dice "unilateral" porque sólo un lado), de los Acuerdos de San Andrés en lo de los derechos y la cultura indígenas. Durante 4 años, desde mediando el 2001 hasta mediando el 2005, nos hemos dedicado a esto (...). Bueno, pues empezamos entonces a echarle ganas a los municipios autónomos rebeldes zapatistas, que es como se organizaron los pueblos para gobernar y gobernarse, para hacerlos más fuertes. (VI DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA, 2005).

Assim, desde a I Declaração da Selva Lacandona até o presente, foram construídos dentro do território controlado pelo EZLN mecanismos e estratégias sociais que buscam a autonomia e a autodeterminação dos diferentes povos que compõem sua base. Mais de dez anos depois do levante armado e após sucessivas transições entre negociação e conflito com diferentes instâncias mais ou menos institucionais do Estado mexicano, em 2005 existiam mais de trinta *Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas* (MAREZ) organizados em cinco macrorregiões. Sobre esse processo eles chamam atenção para o fato de que

este modo de gobierno autónomo no es inventado así no más por el EZLN, sino que viene de varios siglos de resistencia indígena y de la propia experiencia zapatista, y es como el autogobierno de las comunidades. O sea que no es que viene alguien de afuera a gobernar, sino que los mismos pueblos deciden, de entre ellos, quién y cómo gobierna, y si no obedece pues lo quitan. O sea que si el que manda no obedece al pueblo, lo corretean, se sale de autoridad y entra otro (VI DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA, 2005).

Com o rompimento das negociações com o governo mexicano, os apoios político e econômico de grupos nacionais e internacionais passam a ser fundamentais para que logrem o fortalecimento do processo de consolidação de sua autonomia. Formando aquilo que poderíamos chamar, como sugere Partha Chatterjee (2004), de Sociedade Política. Ou seja, uma dimensão de articulação de agentes diversos que, diferentemente da noção clássica de Sociedade Civil, pode envolver sujeitos e entidades de diferentes grupos e até mesmo do próprio Estado. Afinal, trazendo um pouco das reflexões de Veena Das e Debóra Poole (2008), quando falamos em Estado não nos referimos a uma entidade monolítica e sólida, mas sim a algo poroso e maleável, que pode e deve ser permanentemente disputado. Assim, mesmo nesse cenário de conflito, os zapatistas de Chiapas conseguiram construir autonomamente caminhos que dialogam e suprem algumas das demandas por eles levantadas (SANTOS, 2008, p.9), exemplo desse processo de construção da autonomia são os sistemas de administração pública, judiciário, saúde e de educação. De forma que

hay más compañeros y compañeras que están aprendiendo a ser gobierno. Y, aunque poco a poco, ya más mujeres se están entrando en estos trabajos, pero todavía sigue faltando respeto a las compañeras y que ellas participen más en los trabajos de la lucha. Y luego, también con las Juntas de Buen Gobierno, ha mejorado la coordinación entre los municipios autónomos y la solución de problemas con otras organizaciones y con las autoridades oficialistas. Y también se mejoró mucho en los proyectos en las comunidades, y es más parejo el reparto de proyectos y apoyos que da la sociedad civil de todo el mundo: se ha mejorado la salud y la educación aunque todavía falta un buen tanto para ser lo que debe de ser, igual con la vivienda y la alimentación, y en algunas zonas se ha mejorado mucho el problema de la tierra porque se repartieron las tierras recuperadas a los finqueros, pero hay zonas que siguen sufriendo por falta de tierras para cultivar (VI DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA, 2005).

Héctor Díaz-Polanco sugere que o mérito do processo em Chiapas não parte do fato de terem “inventado” o conceito de autonomia indígena, mas por terem conseguido incorporar aspectos e valores próprios da cosmovisão e da cultura de grupos indígenas em sua proposta (DÍAZ-POLANCO, 1997). O que, em última instância, seria um sintoma de uma crise frente à proposta de uma Nação mono-identitária. Em sua dissertação de mestrado, apresentada no Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, Fábio Alkmin (2015) pondera que as organizações indígenas que alcançam dimensões nacionais no México partem de uma postura extremamente crítica ao modelo de construção de Nação levado a cabo na América Latina. Entretanto, é importante ressaltar que essas críticas não estão colocadas como “negação do pertencimento, mas, pelo contrário, como busca de formas de participação mais efetivas e democráticas mediante a formulação de projetos nacionais alternativos e não homogeneizantes” (ALKMIN, 2015, p.54).

Nesse sentido, fica evidente que, como propõe a historiadora Júlia Melo Azevedo em seu artigo *A defesa da identidade étnica e a luta por autonomia no movimento zapatista* (2015), a defesa da identidade étnica está diretamente relacionada com a luta

por autonomia, na medida em que a constituição de territórios autônomos torna-se parte importante da estratégia para a valorização e desenvolvimento dos aspectos tradicionais dos grupos indígenas do sudoeste mexicano. Torna-se importante reafirmar que não se trata da construção de um processo separatista, mas sim uma de nova estrutura de mediação entre os diferentes grupos indígenas e o México, através da qual,

ao reivindicarem sua condição de cidadãos mexicanos, os zapatistas defendem uma participação ativa na vida política nacional e uma maior interação entre os povos indígenas, a sociedade mexicana e o Estado, que se daria partir de uma redefinição de suas relações. O objetivo do movimento é colocar em prática a valorização do caráter pluricultural da nação (CRUZ, JÚLIA M.A., 2015, p. 8).

Por sua vez, Alkmin (2015) propõe que a construção da autonomia indígena permite o aprofundamento de práticas democráticas dentro dos grupos à medida em que rearranja aspectos estruturantes da economia e das políticas do Estado mexicano e contribui para o aumento do controle territorial em suas diferentes dimensões. Para o antropólogo mexicano Gilberto López y Rivas (2014), ao operar como mediadora das relações entre os grupos e o Estado, reconhecendo os povos indígenas como sujeitos de direito político e dotando de poder para que eles mesmos definam suas formas e processos, a autonomia possibilita também a definição de políticas culturais e educativas próprias que se fazem “respetando los usos y costumbres que los dotan de identidad y les permiten resistir a la hegemonia de un Estado y un régimen político que los ha mantenido olvidados y marginados durante siglos” (LÓPEZ Y RIVAS, 2014, p. 55). Entretanto, é preciso ter em conta que todo esse debate da questão autonômica não se dá exclusivamente no plano jurídico, afinal

se projeta como modelo de organização política aplicada a uma determinada base territorial (...). Visto que o poder não se exerce no vazio, o território torna-se um conceito fundamental para compreendermos a autonomia reclamada ao Estado por esses grupos (ALKMIN, 2015, p. 118).

Ainda que tenhamos que admitir os limites do conceito de identidade – forjado em uma tradição de pensamento colonialista e que, mesmo em suas acepções mais dinâmicas, ainda tende a uma ideia de autenticidade –, dentro do contexto zapatista, parece potente pensar na identidade enquanto uma categoria tático-discursiva. Ou seja, é um conceito que opera não como algo essencial ou contingente, mas sim a partir de noções múltiplas que são discursivamente articuladas como ferramentas de resistência. Ao mesmo tempo em que se afirmam *Tzeltale*, *Tojolobale*, *Tzotzile*, *Chole*, *Mame* e *Lacandonas*, se afirmam também indígenas, zapatistas e mexicanos; em uma dimensão internacional, serão latinoamericanos, rebeldes, explorados, trabalhadores ou camponeses. Assim, percebe-se que ela está colocada em um emaranhado de categorias que se articulam na construção de um discurso e de uma prática política de resistência. Afinal, o embate com o Estado e suas limitações, fortalece a autonomia enquanto mecanismo de resistência “mediante el cual, las etnias o pueblos soterrados, negados u olvidados fortalecen o recuperan su identidad a través de la reivindicación de su cultura, derechos y estructuras político-

administrativas” (LÓPEZ Y RIVAS, 2010).

## LA OTRA EDUCACIÓN: A ESCOLA NESSE CONTEXTO

Dentro da proposta autonômica zapatista, o modelo próprio de educação, batizado de *La Otra Educación*, detém fundamental importância, afinal, tendo em vista os limites experimentados pelas políticas educacionais vigentes em todo o México até 1994, que, até então, não haviam abandonado “sus pretensiones ortodoxamente liberales, asimilacionistas y de homogeneización cultural” (GUTIERREZ NAVÁREZ, 2006, p. 93). Assim, a construção de uma proposta de educação autônoma se torna um dos elementos centrais de uma forma complexa de resistência social e cultural, além de um dos pilares fundamentais de uma nova estrutura social insurgente. Como chama a atenção Lia Barbosa Pinheiro, em entrevista concedida à TV UFBA em 2015, a consolidação de um projeto educacional e de uma escola própria se apresenta como uma das instâncias que irão provocar rupturas e ressignificações no campo simbólico, problematizando a fundo a perspectiva colonial historicamente dominante, ambas etapas fundamentais para a solidificação das propostas do EZLN.

Ainda que inicialmente a demanda principal tenha sido para a educação primária, logo se complexificou e culminou no que hoje é o *Sistema Educativo Rebelde Autónomo Zapatista para la Liberación Nacional* (SERAZ - LN). Além de primeiro e segundo graus completos para chiapanecos, sejam eles zapatistas ou não, atualmente se oferece, para estrangeiros, cursos de formação política (*La Escuelita*), de espanhol e de *tzozil* (*Centro de Lenguas Mayas Rebelde Autónomo Zapatista - CELMARZ*). Para além da participação direta da comunidade, diversos especialistas e intelectuais de diferentes partes do mundo tiveram participação ativa na construção das propostas educativas e pedagógicas zapatistas. Assim, o sistema educativo parece assumir papel relevante também na articulação com atores externos às comunidades de base, ganhando uma dimensão de espaço de troca e construção frente à comunidade internacional. Longe de ser homogênea ou homogeneizante, cada proposta de escola zapatista é concebida primeiro no âmbito comunitário, nas assembleias dos MAREZ, e atenta às práticas, tradições e interesses das famílias e grupos que serão por ela atendidas (SANTOS, 2009 e BARRONET, 2009). Da mesma forma, o promotor de educação (figura similar ao educador) é também indicado pela assembleia de famílias e deve, via de regra, cumprir com programas, conteúdos e métodos de avaliação por elas determinados.

Desse modo, a partir de um processo autônomo de construção, parece haver se consolidado em Chiapas uma proposta de educação incluída em um marco mais amplo, que se relaciona diretamente com o cotidiano e a vida em comunidade. De tal forma que, além de contribuir para o fortalecimento de práticas e tradições locais, o processo de formação ao nível educativo muitas vezes significa discutir e resolver problemas e

demandas que são também comunais. À medida em que a própria comunidade está envolvida na determinação de conteúdos e na gestão do espaço, assuntos como saúde, água, vivenda, alimentação e auto-organização são também incorporados na rotina educativa. Trata-se, portanto, de um modelo que, além de promover a ruptura com uma perspectiva colonial de saber, acaba por existir, ainda, enquanto espaço privilegiado de (e em) construção de (e por) aqueles grupos.

## (IN)CONCLUSÕES OU REFLEXÕES PARA POSSÍVEIS CAMINHOS

O pesquisador mexicano Lucio Oliver (UNAM), em conferência realizada durante a mesa “Alternativas e saídas para as lutas e crises hegemônicas na América Latina e Caribe”, realizada no âmbito do III Simpósio Pensar e Repensar a América Latina, trouxe-nos, dentre outras contribuições, algumas reflexões sobre os limites da nossa compreensão do Estado e dos governos enquanto entidades gestoras, onde atribui-se a eles a função de executar os câmbios sociais e equalizar diferenças e desigualdades. Propondo que o mirássemos como algo a ser disputado e a necessidade (ou tarefa) de elaborarmos saídas e caminhos políticos a partir da práxis. Já o professor Santiago Arboleda Quiñonez, que participou da mesa *Pensamiento Postcolonial y Estudios Culturales en America Latina* no mesmo Simpósio, apresentou um rico panorama histórico e conceitual sobre o desenvolvimento do pensamento decolonial. Durante sua exposição, chamam a atenção três aspectos que aparecem como bons pontos de partida para pensarmos a contribuição da experiência zapatista, quais sejam:

- 1) A postura decolonial como uma corrente de pensamento e ação, que alia práxis política e reflexão teórica, disposta a sistematizar ferramentas discursivas, analíticas e práticas para a superação da condição colonial.
- 2) A necessidade de se pensar de forma complexa. Ou seja, o local em relação ao global, não de forma hierarquizada – condicionando a compreensão da realidade do primeiro ao segundo –, mas de modo relacional.
- 3) A atual pergunta central que ronda algumas e alguns teóricos decoloniais: “Como decolonizar?” Para a qual, segundo Quiñonez, a educação, ou melhor, as educações, podem surgir como caminho prático para o processo de construção dessa forma Outra de se ver, olhar e compartilhar o mundo.

Nesse sentido, recuperando as reflexões em torno da noção de resistência que nos trazem Gustavo Esteva e Arturo Escobar e levando a termo a proposta de Catherine Walsh para que pensemos a partir e com os movimentos sociais, *Chiapas* aparece como um “Foco de Resistência” (MARCOS, 1998). Foco esse onde a proposta de educação desenvolvida, como um fenômeno social complexo, ressignifica sentidos e contribui para a construção não só de novas relações, como também de subjetividades outras capazes



de nos recolocar em relação com o mundo. Afinal, entendendo que a escola, enquanto instituição, assume historicamente função estatizante em relação ao indivíduo e ao grupo, operando no sentido de construir “identidades”, “tradições” e “memórias” – parece fundamental que sejam pensados, elaborados e vividos sistemas de educação que deem conta das diferenças e respeitem os devires de grupos ditos minoritários. Nesse sentido, Eduardo Viveiros de Castro irá afirmar em *A autodeterminação indígena como valor*:

O Estado não é monolítico (...). Mas há quem sustente que o Estado nacional, a forma-Estado, é essencialmente antagônica a qualquer autodeterminação autêntica. E há quem diga mais: que as minorias — e os índios como minoria étnica — são a única força que, por sua existência, desafiam (mesmo que apenas conceitualmente) um sistema de Poder em que ricos e pobres, dominantes e dominados, estão unidos pela dominação e unificados por um Estado que existe para e pela imposição de uma Linguagem Majoritária, uma Norma, que controla, dilui e absorve toda variação e toda diferença (VIVEIROS DE CASTRO, 1981, p. 235).

Ainda que, a partir desse primeiro olhar, todavia muito panorâmico, não seja possível fazer uma análise com profundidade, nas duas passagens da VI Declaração da Selva Lacandona chamam a atenção:

quienes eran niños en aquel enero del 94, son ya jóvenes que han crecido en la resistencia, y han sido formados en la digna rebeldía levantada por sus mayores en estos 12 años de guerra. Estos jóvenes tienen una formación política, técnica y cultural que no teníamos quienes iniciamos el movimiento zapatista (VI DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA, 2005).

en todas partes hay más compañeros y compañeras que están aprendiendo a relacionarse con las personas de otras partes de México y del mundo, están aprendiendo a respetar y a exigir respeto, están aprendiendo que hay muchos mundos y que todos tienen su lugar, su tiempo y su modo, y así hay que respetarse mutuamente entre todos (VI DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA, 2005).

Apesar de breves, esses trechos permitem pensar que dentro de um processo intenso de rebeldia e resistência, insurgem também novas formas de se fazer e pensar política e educação que partem de dentro das próprias comunidades, contando com a participação direta dos sujeitos e de suas identidades múltiplas (BARRONET, 2009). Nesse contexto, *La Otra Educación* parece assumir um lugar em que passa a ser possível a construção de práticas e relações outras, capazes de pensar a si e ao mundo a partir de outros referenciais – distintos daqueles dominantes na escola convencional ou mesmo nas experiências de escola indígena, até então levadas a cabo no México - recuperando e re-significando, também, aspectos das cosmovisões dos diferentes grupos que compartilham o território e, porque não, construindo novas socio-cosmopolíticas (BARBOSA, 2010, 2015).

Ainda assim, nem mesmo a resistência zapatista em Chiapas acontece desconectada das práticas capitalistas; pelo contrário, estão em disputa e são também permeadas por elas. Mas, quando adotamos uma perspectiva marginal e olhamos para esse conflito, inserido na complexa dinâmica política e econômica que rege o mundo ocidental euro-norte-americano-centrado, poderíamos pensar suas práticas autonômicas como formas

do que Aníbal Quijano (2000) chamou de “socialização do poder”, pelas quais

em vez de projectos “estatais socialistas” ou “estatais capitalistas”, centrados na administração do Estado e nas estruturas hierárquicas do poder, a estratégia da “socialização do poder” em todas as esferas de existência social privilegia os conflitos locais e globais a favor de formas colectivas de autoridade pública (Grosfoguel, 2008, p. 142).

De forma ainda mais idealista, mas nada incoerente quando compartilhamos da importância de se defender as utopias, talvez a experiência em Chiapas, fundada no seio das contradições de um modelo de Estado-Nação colonial/moderno/capitalista (QUIJANO, 2002), possa nos apontar caminhos para o exercício de uma “diversidade anticapitalista descolonial universal radical”, como sugere Ramón Grosfoguel (2008). Um trabalho com maior fôlego, que dê conta de se debruçar sobre suas particularidades e potências, atento às perspectivas locais e suas diferenças, pode sim dar conta de pensar como a experiência em Chiapas pode contribuir para a construção de um mundo onde “o poder seja socializado sem deixar de se manter aberto a uma diversidade de formas institucionais de socialização do poder assentes nas diferentes respostas ético-epistémicas decoloniais dos grupos subalternos do sistema-mundo” (GROSFOGUEL, 2008, p.144).

## REFERÊNCIAS

ALKMIN, Fabio Marcio. **Por uma geografia da autonomia**: a experiência de autonomia territorial zapatista em Chiapas, México. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BARBOSA, Lia Pinheiro. **Aproximações reflexivas às experiências latinoamericanas camponesas e indígenas em suas interações e lutas sociais em torno das políticas públicas no Brasil e México**. - 1ª ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.

BARBOSA, Lia Pinheiro. **Educação do Campo, movimentos sociais e a luta pela democratização da Educação Superior**: os desafios da universidade pública no Brasil.

BARONNET, Bruno. **Autonomía y educación indígena**: Las escuelas zapatistas de las cañadas de la Selva Lacandona de Chiapas, México. 2009. Tese de Doutorado. Paris 3.

CEDILLO-CEDILLO, Adela. **Análisis de la fundación del EZLN en Chiapas desde la perspectiva de la acción colectiva insurgente**. Revista Liminar 10.2 (2012): 15+. Academic OneFile. Web. 7 May 2015.

CHATTERJEE, Partha. **“Populações e sociedades políticas”**; **“A política dos governados”**. In: Colonialismo, modernidade e política. Salvador: EDUFBA, CEAO. 2004.

CORONIL, Fernando. **Naturaleza del poscolonialismo**: del eurocentrismo al globocentrismo. Lander, Edgardo (compilador). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

CRUZ, JÚLIA M. A. **A defesa da identidade étnica e a luta por autonomia no movimento zapatista**. I CONACSO, Vitória, 2015.

DAS, VEENA & POOLE, Deborah - **El Estado y sus márgens**. Revista Académica de Relaciones Internacionales, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM. 2008.

DIAZ-POLANCO, Héctor. **La rebelión zapatista y la autonomía**. Siglo XXI, 1997.

ESCOBAR, Arturo. **La Invención del Tercer Mundo**. Construcción y Deconstrucción del Desarrollo. 2007 [1995] Caracas, Venezuela: Fundación Editorial el perro y la rana.

ESTEVA, Gustavo. **Desenvolvimento**. In: W. Sachs (org.) O Dicionário do Desenvolvimento. São Paulo: Editora Vozes, 2000.

GROSGOUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, março de 2008, 115-47.

GUTIÉRREZ, Raúl Narváez. **Impactos del zapatismo en la escuela: análisis de la dinámica educativa indígena en Chiapas (1994-2004)**. Liminar. Estudios sociales y humanísticos, v. 4, n. 1, p. 92-111, 2013.

LÓPEZ, Gilberto *et al.* **Autonomías: democracia o contrainsurgencia**. Ediciones Era, 2014.

MARCOS, Subcomandante. **La IV Guerra Mundial ha comenzado**. Báez, René, La disidencia en Disneylandia, Quito, Eskéletra Editorial–Facultad de Economía PUCE, p. 142-165, 1998.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **El mundo: Siete pensamientos en mayo de 2003**. Viejo Topo, El, n. 181-182, p. 78-87, 2003.

MARTÍNEZ, Luis de la Peña. **La voz alzada: la rebelión discursiva del zapatismo**. Revista Rebeldía, n. 16.2009

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: Edgardo Lander (org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

QUIJANO, Anibal - **Colonialidade, Poder, Globalização e democracia**. Revista Novos Rumos, No. 37, Ano 17, 2002.

SANTOS, Juliana Silva dos. **O movimento zapatista e a educação: direitos humanos, igualdade e diferença**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A autodeterminação indígena como valor**. Anuário antropológico. Brasília, 1981.

WALSH, Catherine. Introducción - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, C. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas**. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005. p. 13-35. 2005

## DOCUMENTOS

EZLN. Primera Declaración de la Selva Lacandona. Chiapas, México, 1993. Disponível em <http://palabra.ezln.org.mx/>. Acesso em 22/05/2015.

EZLN. Segunda Declaración de la Selva Lacandona. Chiapas, México, jun 1994. Disponível em <http://palabra.ezln.org.mx/>. Acesso em 22/05/2015.

EZLN. Tercera Declaración de la Selva Lacandona. Chiapas, México, jan 1995. Disponível em <http://palabra.ezln.org.mx/>. Acesso em 22/05/2015.

EZLN. Cuarta Declaración de la Selva Lacandona. Chiapas, México, jan 1996. Disponível em <http://palabra.ezln.org.mx/>.

ezln.org.mx/. Acesso em 22/05/2015.

EZLN. Quinta Declaración de la Selva Lacandona. Chiapas, México, jul 1998. Disponível em <http://palabra.ezln.org.mx/>. Acesso em 22/05/2015.

EZLN. Sexta Declaración de la Selva Lacandona. Chiapas, México, jun 2005. Disponível em <http://palabra.ezln.org.mx/>. Acesso em 22/05/2015.

## VÍDEOS

BARBOSA, Lia Pinheiro. Entrevista concedida para a WebTV- UFBA. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=wM\\_ZQe\\_mils](https://www.youtube.com/watch?v=wM_ZQe_mils)>. Acesso em: 17/06/2015

ZAPATISTA EZLN. La larga noche de los 500 años. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=pC\\_M\\_BKm2uo](https://www.youtube.com/watch?v=pC_M_BKm2uo)>. Acesso em: 17/06/2015

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Autonomia 1, 2, 4, 5, 6, 7, 11, 46, 49, 50, 52, 55, 60, 68, 79, 82, 83, 84, 93, 94, 102, 126, 135, 168, 169, 189, 204, 205, 209, 211

Avaliação 8, 32, 33, 34, 47, 52, 57, 61, 76, 77, 80, 84, 103, 112, 118, 162, 168, 198, 200, 204, 205, 209, 229, 264, 270

### C

Ciências Humanas 1, 21, 56, 68, 96, 149, 155, 227, 233, 258

### E

Educação 1, 2, 3, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 84, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 101, 102, 105, 106, 107, 109, 111, 113, 118, 120, 123, 124, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 163, 165, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 195, 196, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 234, 271

Educação ambiental 77, 78, 81

Educação bilíngue 179, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189

Educação Infantil 69, 71, 72, 77, 78, 82, 83, 84, 93, 95, 105, 204

Educação Profissional 64, 67, 141

Ensino Fundamental 57, 60, 69, 71, 72, 96, 98, 99, 120, 121, 122, 129, 135, 136, 192, 204, 271

Estado 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 40, 41, 65, 66, 69, 92, 111, 113, 117, 118, 130, 133, 162, 167, 183, 214, 215, 216, 218, 220, 221, 226, 227, 237, 249, 258, 271

Estágio Supervisionado 77, 78, 190, 191, 192, 193, 197, 198

### F

Formação 8, 15, 17, 28, 29, 39, 40, 55, 59, 64, 71, 75, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 94, 95, 101, 109, 110, 116, 117, 122, 124, 130, 135, 137, 138, 139, 140, 143, 146, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 166, 167, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 224, 233, 234, 236, 242, 244, 252, 271

Formação Docente 64, 77, 179, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 189, 191, 198, 199, 202, 207

### I

Identidade Regional 213, 214, 224, 225



Indígena 9, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 241

## J

Jogos 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 99

## L

Legislação 14, 17, 102, 179, 182, 261

Livro Didático 9, 103, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 122

## M

Metodologias 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 64, 99, 103, 104, 105, 123, 127, 200, 269

Monitoria 31, 32, 34, 35, 199, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

## P

Políticas Públicas 11, 14, 15, 26, 28, 72, 133, 181, 271

Prática 4, 7, 16, 17, 18, 24, 33, 57, 65, 69, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 94, 101, 102, 121, 125, 126, 127, 130, 135, 139, 142, 143, 144, 150, 152, 155, 156, 158, 163, 165, 182, 183, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 224, 241, 244, 252, 271

Processo ensino-aprendizagem 30, 202

Profano 234, 238, 240, 243, 244, 245, 256, 257, 258

## R

Religião 100, 232, 246, 248, 252, 253, 257, 258, 271

Religiosidade 247, 248, 250, 253, 258

Rito 226, 227, 228, 229, 230, 232, 243, 256

## S

Sagrado 228, 231, 232, 234, 237, 238, 240, 243, 244, 255, 256, 257, 258

Sequência 42, 85, 115, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 136

Subjetividade 75, 152, 154, 155, 168

Surdos 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 251

## T

teoria 16, 21, 39, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 66, 67, 75, 79, 82, 137, 139, 142, 148, 152, 156, 183, 190, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 200, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 212

Teoria 37, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 57, 135, 158, 271

## U

Universidade 6, 11, 12, 14, 21, 29, 30, 32, 34, 35, 55, 56, 57, 64, 67, 69, 77, 96, 104, 106, 107, 113, 118, 120, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 149, 150, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 179, 190, 192, 199, 200, 207, 211, 213, 224, 233, 234, 246, 247, 258, 260, 271

